

LITTERATURA

A MULHER PALLIDA

(CONCLUSÃO)

IV

— Quem é pobre não tem vícios. Esta phrase inda resoava aos ouvidos de Maximo, quando já a pallida Eulalia mostrava-se outra para com elle, — outra cara, outras maneiras, e até outro coração. gora, porém, era elle que desdenhava. Em vão a lha do Sr. Alcantara, para resgatar o tempo perdido e as justas magoas, requebrava os olhos até onde elles podiam ir sem desdouro nem incommodo, orria, fazia o diabo; mas, como não fazia a unica ção necessaria, que era apagar litteralmente o assado, não adiantava uma linha; a situação era a mesma.

Maximo deixou de frequentar a casa algumas semanas depois da volta de Iguassú, e Eulalia voltou as esperanças para outro ponto menos nebuloso. Não ego que as noivas começaram a chover sobre o recente herdeiro, porque negaria a verdade conhecida or tal; não foi chuva, foi tempestade, foi um tufão e noivas, qual mais bella, qual mais prendada, qual mais disposta a faz-lo o mais feliz dos homens. Um antigo companheiro da Escola de Medicina apresentou-o a uma irmã, realmente galante, D. Felismina. nome é que era feio; mas que é um nome? *What a name?* como diz a flor dos Capuletos.

— D. Felismina tem um defeito, disse Maximo, uma prima della, um defeito capital; D. Felismina não é pallida, muito pallida.

Esta palavra foi um convite ás pallidas. Quem sentia bastante pallida afiava os olhos contra o eito do ex-estudante, que em certo momento achou uma especie de hospital de convalescentes. A que seguiu logo foi uma D. Rosinha, creatura linda mo os amores.

— Não podes negar que D. Rosinha é pallida, zia-lhe um amigo.

— E' verdade, mas não é ainda bem pallida, tero outra mais pallida.

D. Amelia, com quem se encontrou um dia no asseio Publico, devia realizar o sonho ou o capricho Maximo; era difficil ser mais pallida. Era filha um medico, e uma das bellezas do tempo. Maxi-

o foi apresentado por um parente, e dentro de poucos dias frequentava a casa. Amelia apaixonou-se logo por elle, não era difficil, — já não digo or ser abastado, — mas por ser realmente bello.

quanto ao rapaz, ninguem podia saber se elle de-rras gostava da moça, ninguem lhe ouvia coisa enhum. Fallava com ella, louvava-lhe os olhos, mãos, a boca, as maneiras, e chegou a dizer que achava muito pallida, e nada mais.

— Ande lá, disse-lhe emfim um amigo, desta vez teio que encontre a pallidez mestra.

— Ainda não, tornou Maximo; D. Amelia é allida, mas eu procuro outra mulher mais pallida.

— Impossivel.

— Não é impossivel. Quem pôde dizer que é npossivel uma cousa ou outra? Não é impossivel; ndo atraz da mulher mais pallida do universo; itou moço, posso esperal-a.

Um medico, das relações do ex-estudante, começou desconfiar que elle tivesse algum transtorno, per-rraboração, qualquer cousa que não fosse a integridade mental; mas, communicando essa suspeita a alguém. chou a maior resistencia em crer-lh'a.

— Qual doudo! respondeu a pessoa. Essa historia e mulheres pallidas é ainda o despeito que lhe ficou a primeira, e um pouco de fantasia de poeta. Deixe assar mais uns mezes, e vel-o-hemos coradinho como ma pitanga.

Passaram-se quatro mezes; appareceu uma Jus-uma, viuva, que tratou de apoderar-se logo do co-ção do rapaz, o que lhe custaria tanto menos, nquanto que era talvez a creatura mais pallida do niverso. Não só pallida de si mesma, como pallida mbem pelo contraste das roupas de luto. Maximo ão encobrio a forte impressão que a dama lhe deu-ou. Era uma senhora de vinte e um a vinte e dois mos, alta, fina, de um talhe elegante e esbelto, e mas feições de gravura. Pallida, mas sobretudo allida.

Ao fim de quinze dias, o Maximo frequentava a asa com uma pontualidade de alma ferida, os pa-entes de Justina trataram de escolher as prendas upciaes, os amigos de Maximo annunciaram o casa-mento proximo, as outras candidatas retiraram-se.

No melhor da festa, quando se imaginava que elle ia pedil-a, Maximo affastou-se da casa. Um amigo lançou-lhe em rosto tão singular procedimento.

— Qual? disse elle.

— Dar esperanças a uma senhora tão distincta...

— Não dei esperanças a ninguem.

— Mas enfim não podes negar que é bonita?

— Não.

— Que te ama?

— Não digo que não, mas...

— Creio que tambem gostas della...

— Pode ser que sim.

— Pois então?

— Não é bem pallida; eu quero a mulher mais pallida do universo.

Como estes factos se reproduzissem, a ideia de que Maximo estava doudo foi passando de um em um, e dentro em pouco era opinião. O tempo parecia confirmar a suspeita. A condição da pallidez que elle exigia da noiva, tornou-se publica. Sobre a causa da monomania disse-se que era Eulalia, uma moça da rua dos Arcos, mas accrescentou-se que elle ficara assim porque o pae da moça recusára o seu consentimento, quando elle era pobre; e dizia-se mais que Eulalia tambem estava douda Lendas, lendas. A verdade é que nem por isso deixava de apparecer uma ou outra pretendente ao coração de Maximo; mas elle recusava-as todas, asseverando que a mais pallida ainda não havia apparecido.

Maximo padecia do coração. A molestia aggravou-se rapidamente; e foi então que duas ou tres candidatas mais intrepidas resolveram-se a queimar todos os cartuchos para conquistar esse mesmo coração, embora doente, ou *parce que...* Mas, em vão! Maximo achou-as muito pallidas, mas ainda menos pallidas, do que seria a mulher mais pallida do universo.

Vieram os parentes de Iguassú; o tio major propoz uma viagem á Europa; elle porém recusou. — Para mim, disse elle, é claro que acharei a mulher mais pallida do mundo, mesmo sem sair do Rio de Janeiro.

Nas ultimas semanas, uma vizinha delle, em Andarahy, moça tísica, e pallida como as tísicas, propoz-lhe rindo, de um riso triste, que se casassem, porque elle não acharia mulher mais pallida.

— Acho, acho; mas se não achar, caso com a senhora.

A vizinha morreu dahi a duas semanas; Maximo levou-a ao cemiterio.

Mez e meio depois, uma tarde, antes de jantar, estando o pobre rapaz a escrever uma carta para o interior, foi acometido de uma congestão pulmonar, e caiu. Antes de cair teve tempo de murmurar:

— Pallida... pallida...

Uns pensaram que elle se referia á morte, como a noiva mai: pallida, que ia enfim desposar; outros, acreditaram que eram saudades da dama tísica, outros que de Eulalia, etc. Alguns creem simplesmente que elle estava doudo; e esta opinião, posto que menos romantica, é talvez a mais verdadeira. Em todo caso, foi assim que elle morreu, pedindo uma pallida, e abraçando-se á pallida morte. *Pallida mors*, etc.

M. DE A.

BIBLIOGRAPHIA

LOURENÇO, POR F. TAVORA; — 1881.

Dos prélos da typographia nacional sae agora, n'uma elegante edição de duzentos exemplares, o terceiro livro da *Litteratura do Norte*, anteriormente estampado nas paginas da *Revista Brasileira*.

Pesa-nos discordar profundamente dos intuitos da sua obra logo á primeira vez que nos é dado conversar com o publico acerca de um escriptor, e de um escriptor bem reputado como é o Sr. Franklia Tavora. E as primeiras perguntas que naturalmente saltam do bico da penna são estas: — O que é a litteratura do Norte? Em que se funda? Qual a sua caracteristica? Quaes os seus seguidores?

Estas interrogações deveria o auctor tel-as poupado aos leitores, traçando á frente do primeiro volume a sua profissão de fé, as suas taboas da lei, o seu prefacio de *Cromwell*. E' certo que n'uma advertencia ao *Matuto*, publicado em 1878, se diz "ficar fóra desse livro a carta, que escreveu o auctor, tendo á vista as objecções de amigos e inimigos á fundação, ou, antes, ao reconhecimento da litteratura do Norte."

Mas são decorridos tres annos, estão publicados tres livros e ainda agora ninguem polerá formar cabal conceito da divisão, que o Dr. Tavora pretende applicar á litteratura brasileira. Todavia, de antemão lhe podemos assegurar que o numero dos seus adeptos será muitissimo limitado. Com effeito, a existencia de uma litteratura no Brazil, que, a nosso ver, nunca attingiu completo e pleno desenvolvimento, é ainda hoje ponto controverso para muitos; o movimento litterario nacional é pouco ou nullo,

quando aliás o nivel intellectual é elevadissimo e o talento um dote commum.

São todos concordes em confessar que é falha de attractivos a nossa vida litteraria: não temos jornalistas nem escriptores nossos, que vivam francamente da sua penna; infime é o numero dos productores, ainda menor o de leitores de obras nacionaes e os editores verdadeiramente assumiram as proporções dos antigos mythos. Quem se dá neste paiz ao despremiado labor de escrever ou de ennegrecer papel, como quizerem, fal-o por desfastio ou, mais geralmente, por invencivel inclinação, que, sem estímulo, sem applicação e sem interesse, acaba por atrophiar-se, minguar e desaparecer de todo.

Um escriptor intransigente, mas bem intencionado e pertinaz, o Sr. Sylvio Romero, esboçou nessa mesma *Revista* (1) o quadro da nossa vida litteraria, e o caso é que ninguem o poderá acoiimar de exagerado ou falso.

Posto isto, quer parecer-nos que é extemporanea e de pouco proveito a idéa de dividir o que não existe ou o que apenas está em via de formação; e seria o mesmo que pretender repartir entre dous pobres a esmola que não chega para um só.

Era este o primeiro reparo que nos despertou este livro; o segundo deriva propriamente da sua indole.

Lourenço é um romance historico, e os romances historicos não são mais do nosso tempo; si não perderam todo, perderam grande parte do interesse desde que o mercantilismo os explorou e os caricaturou e desde que os escriptores, armados de processos novos e de um espirito novo, nos mostraram, a nós, homens de hoje, que havia interesse maior e mais immediato no estudo do homem moderno. Só um espirito de primeira grandeza, uma natureza descommunal e rara, outro Walter Scott, que emigrasse para o passado, que o desencovasse, como — o mineiro desencovao ouro, avidamente e tenazmente, que vivesse por assim dizer toda a vida passada, conseguiria já hoje acordar em nós pelas cousas mortas o mesmo enthusiasmo natural e irresistivel que sentimos pelas luctas da nossa idade.

Além disso, si evocam o passado para exemplo e lição do presente, — como fez Herculanó, — tão diferentes são as condições de hontem e as condições de hoje, vem de tão longe o exemplo, que nada ou quasi nada poderá aproveitar. Quem nos assegura a nós que os grandes homens antigos seriam igualmente grandes vivendo nos nossos dias? Catão, com ser Catão, si vivesse nas estreitezas dos tempos de agora, pôde bem ser que se fizesse onzezeiro, assassino ou bancarroteiro e fosse acabar em Fernando de Noronha.

Prescindamos, porém, destas considerações, e acceitemos o romance historico tal como nol-o dá o auctor; prescindamos tambem de saber si nesta narrativa foi a historia devidamente respeitada, si se seguiram as regras que regulam este genero de composição; prescindamos de tudo isso, que compete á Critica discutir e resolver, e não a nós, que apenas traduzimos uma opinião individual, pôde ser que falsa e sem base, mas seguramente livre e sincera. Está fóra de duvida o talento, o bom gosto, a erudição, a limpidez de estylo e mais boas partes que concorrem na pessoa do auctor.

Effectivamente: o assumpto principal de *Lourenço* é a lucta travada entre o governador Felix José Machado e os fidalgos pernambucanos. A' frente destes destaca-se o audacioso e firme vulto de Falcão d'Eça; cercam-n'o os representantes das primeiras familias, primeiras nas posses e na nobreza do sangue; o proprio bispo, apesar dos seus annos e do seu caracter, adopta as idéas e os intentos dos descontentes e indomaveis senhores.

O governador, que é mal recebido dos nobres em consequencia das desavenças que já existiam entre os fidalgos e os governadores enviados pelo reino, em vez de conciliar os animos exaltados e apagar a pouco e pouco as prevenções que lavravam como um incendio entre os naturaes, inclinasse a debellar e subjugar os nobres por meio da força, do terror e das perseguições,

Dahi o conflicto: os ricos homens de Pernambuco são perseguidos cruamente, não como inimigos, mas como bestas feras; arranca-os o governador dos seus lares, arrasta-os por entre as humilhações das ruas, incendia-lhes os engenhos, não lhes poupa humilhações nem gravames, accossa-os e dá-lhes caça como a animaes perigosos. Os fidalgos (e nisto é que nos parece ser pouco interessante e pouco dramatica a acção do romance), batidos de todos os lados, sem defesa e sem quartel, refugiam-se durante largos mezes nos matos, de onde os vem tirar o perdão d'El-Rei. E' uma lucta desigual e pouco commovedora; para a guerra sem treguas que lhes move o governador, os fidalgos tem pequenas represalias; e quando se espera que a nobreza, tendo agremiado as suas forças, irrompa como um furacão e venha á clara luz do sol offerecer combate á dominação estrangeira, é que o governador publica o perdão concedido por El-Rei.

A esta acção principal e historica está ligada a acção puramente de phantasia, embaraçosa, sem uma grande paixão forte e dominadora que impressione o espirito do leitor, que lhe prenda o livro nas mãos, que o torne febril, que, emfim, o obrigue a perdoar o perdão.

E todavia não se lhe poderá negar uma alta dose de sentimento, fina observação e uma arte apurada.

Leia-se o trecho que vae de pag. 222 a 227, talvez o mais bello de todo o livro, e vêr-se-á a extrema naturalidade de dialogação, o desenho acabado de dous caracteres, alguma cousa de nobre e sereno, que é extremamente natural e extremamente artistico.

Em resumo, si regateamos louvores ao seu romance, que nos deixa frios e indifferentes, folgamos de reconhecer no Dr. Tavora notaveis qualidades de escriptor e de critico, vantajosamente affirmadas em varios trabalhos seus. O seu estudo sobre a edição dos *Luziadas* publicada pelo Gabinete Portuguez de Leitura e prefaciada por Ortigão, — pintor da palavra, puro parisiense, Alphonse Karr revisto e augmentado, — mostra tambem o seu espirito reflexivo, o seu criterio, e os brilhantes predicamentos de um estylista.

Muitos taxal-o-hão de rebuscado e com uma ponta de classico, que não é sinão a correccão mesma; mas nós que nos não preoccupamos com escolas e seitas, que a um tempo admiramos Enilio Zola e o Padre Antonio Vieira, que temos sobre os espiritos exclusivistas e amputados a preciosa vantagem de poder enlevar-aos com a leitura de classicos, românticos e realistas, não exigimos mais dos escriptores que talento e verdade.

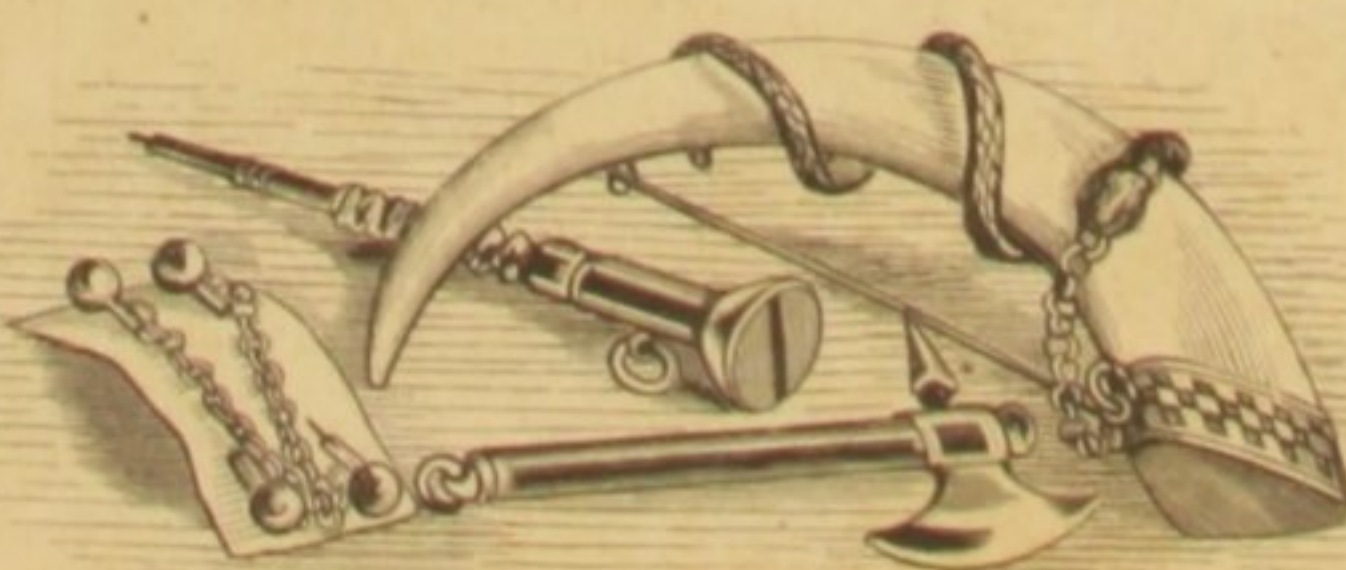
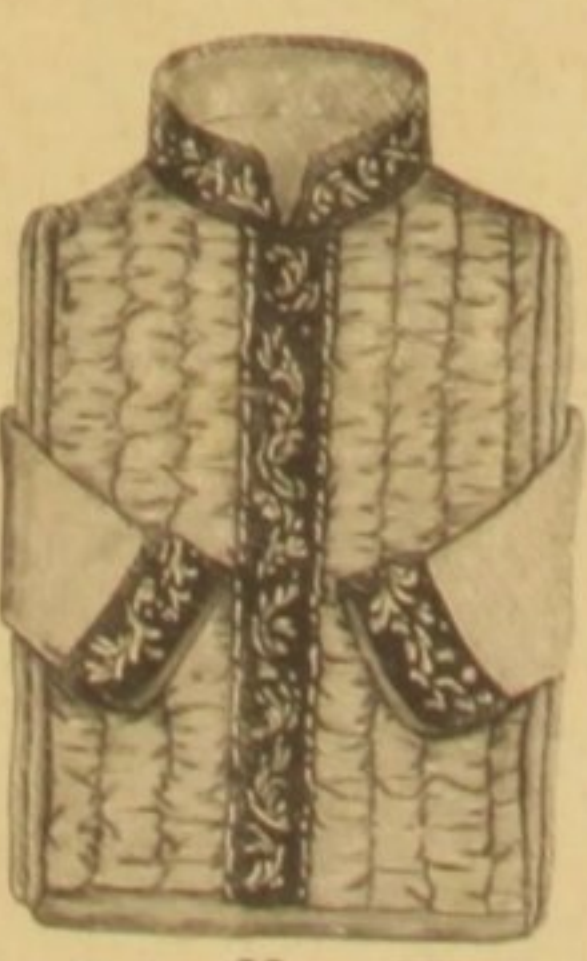
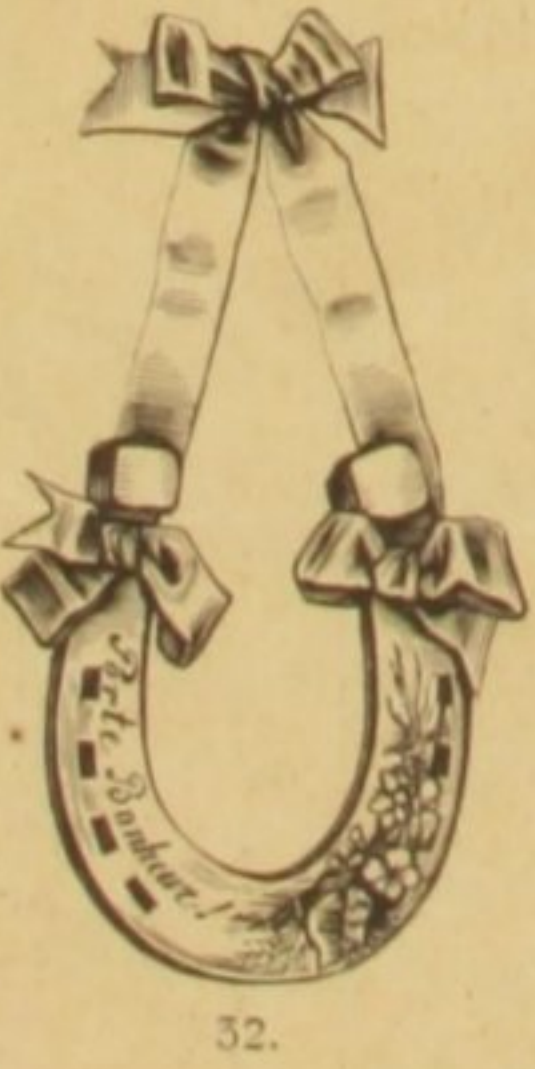
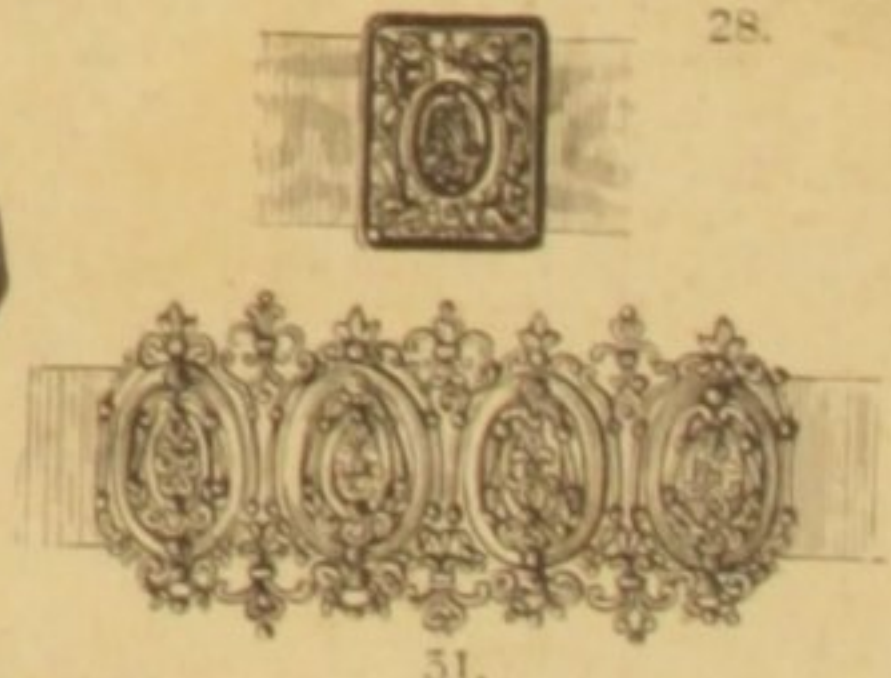
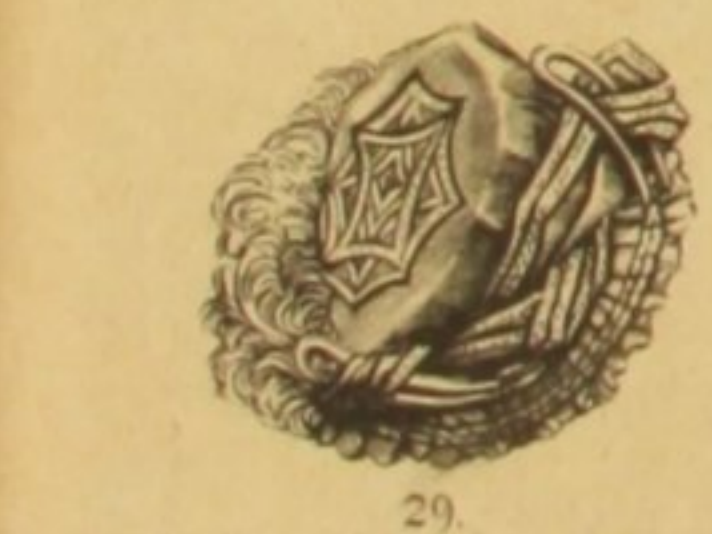
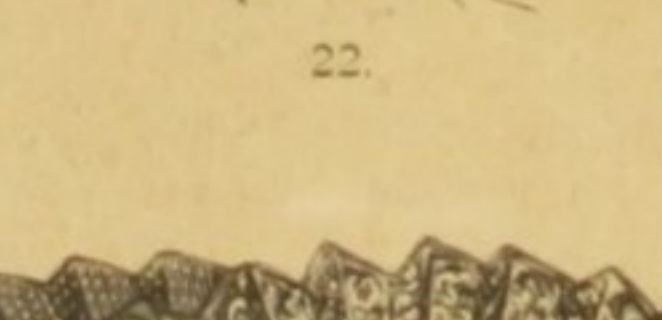
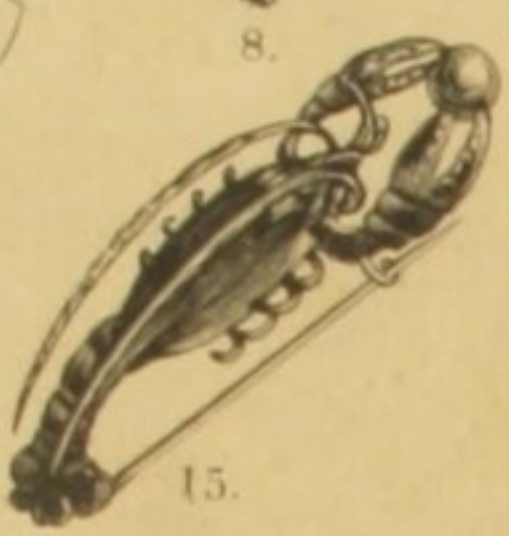
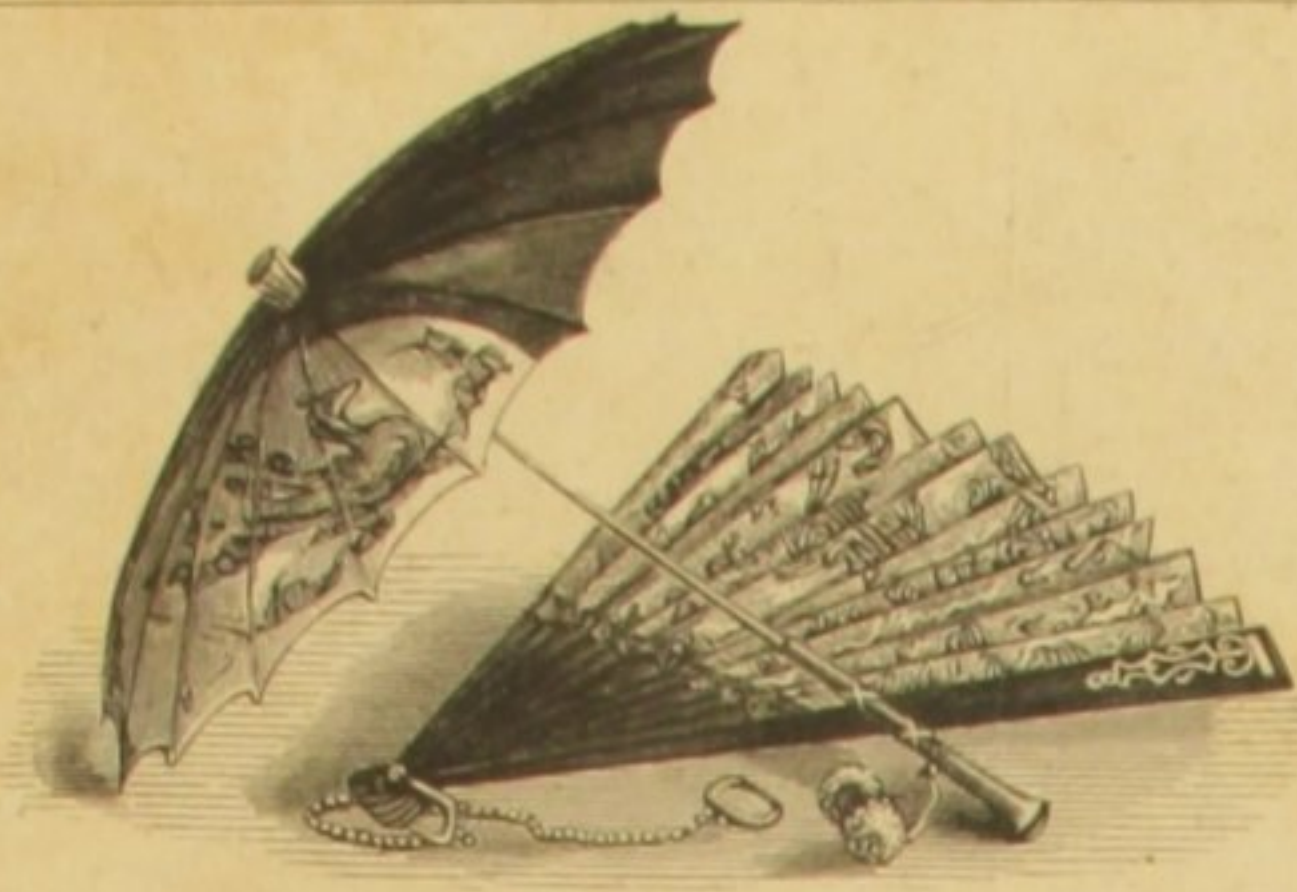
E' tempo de terminar, e terminaremos com uma esperança e um conselho, posto que ninguem o haja sollicitado: — a esperança de que o Dr. Tavora muito em breve submeterá ao exame da opinião as razões em que se estriba

(1) *Revista Brasileira*, de 15 de agosto de 1881.



OS LAPÕES

Paul M. ...
1881



para extremar a escassa producção das letras brasileiras, e que continue a honrar-as e servir-as como até aqui com a mais louvavel das dedicacões e o melhor do seu enthusiasmo.

Fac et espera.

Agosto, 1881.

ART. BARREIROS.

MOSAICO

A celebre cantora Jenny Lind, outr'ora tão festejada, recebeu do Rei Oscar de Suecia a condecoração ahi designada sob o titulo *Leteres et Artibus*, cravejada de brilhantes.

Dizem as folhas da India que o Maradjah de Gourdal annunciára o seu proximo casamento com sete formosas filhas de grandes dignatarios de seu reino, devendo durante sete dias celebrar-se o casamento de uma cada dia. Os esplendidos presentes com que o Maradjah mimosea a cada noiva são iguaes para todas, afim de não despertar ciumes.

A Rainha Margarida de Italia, visitou ultimamente os trabalhos de excavações que se continuam a fazer nas cidades de Pompeia e Herculanium. Assistiu a excavação de uma casa, onde entre os esquelotes de dois cavallos, encontraram numerosos objectos artisticos de bronze. Visitou o museu onde se acham as preciosidades desenterradas, — das quaes reproduzimos alguns specimens em um dos nossos numeros passados, — e a casa de Diomedes.

A celebre Adelina Patti dispõe-se a fazer uma ultima viagem artistica pela Europa e Estados-Unidos, em seguida á qual retirar-se-ha da scenaa.

Na Austria, adoptou-se com o melhor exito o emprego de mulheres em certos serviços de estradas de ferro. Actualmente n'esse paiz 3,042 mulheres que quasi todas são viúvas ou parentes de empregados da mesma repartição, occupam os cargos de escripturarias, vendedoras de bilhetes, telegraphistas, etc.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 29 de Setembro de 1881.

Fervet opus! O Rio de Janeiro continúa adoravelmente festivo.

Bailes, espectaculos, festivaes... Nunca a vida fluminense foi mais brilhante. Mais brilhante e mais feliz. Porque para muitos, para os venturosos, Brillat Savarin da moda, a felicidade consiste em ter abertas o maior numero de janellas por onde atire fóra o seu dinheiro, e a esses não tem faltado nem as subscrições.

O Cassino abriu as suas portas á aristocracia, e a febre lyrica que diminuiu as suas pulsações, recrudescceu e eil-a de novo tão forte, tão intensa como a estréa da companhia italiana. Já não se vive senão nos theatros, no Pedro Segundo principalmente. O *Mephistopheles* foi o feliz mediano entre o publico que começava a recalitrar e o maestro Ferrari, que não nos dava senão operas conhecidas.

Mas tudo passa, e tudo passou. A representação da bella opera do Boito reunio segunda-feira todo o mundo dilettante no theatro imperial. Estavamos todos lá, e se alguém faltava é que já não havia mais logar.

A curiosidade era grande. O libretto promettia-nos o céo aberto e encantadoramente povoado, como aquelle que promete o alcorão aos seus eleitos, e o subir do panno foi como que o doce despontar d'uma aurora de felicidades.

Muito se havia fallado do *Mephistopheles* antes da sua representação entre nós.

Os criticos fizeram-se os batedores da fama da nova partitura e arrazoaram e desarrazoaram bellamente sobre a natureza da nova escola musical e sobre o caracter da nova opera, dizendo uns que ella não agradaria, porque não seria entendida pelos profanos, outros que seria entendida, mas não agradaria e alguns prophetizando mesmo que agradaria sem ser entendida!

Apezar de ser a mais tola, ou mesmo por isso esta ultima opinião era a mais pregada e a melhor seguida.

Não sei se para muitos ella ainda está de pé. E' bem possivel, a theoria da incomprehensibilidade das grandes maravilhas artisticas e litterarias, sendo geralmente pregada pelo que se supõem grandes *magistri* e geralmente aceita pela chusma sempre á espera do santo e da senha dos Colombos do bello. O que eu sei, o que eu verifiquei com grande satisfação, foi que o publico fluminense deu provas, reaes ou apparentes, do seu bom gosto applaudindo o novo *Mephistopheles*.

Se não os que a pregam, ao menos os que a aceitam, a theoria da incomprehensibilidade das obras primas dos magistros, parece-me simplesmente victimas d'este engano:

confundem até certo ponto decorar com entender, e desde que não sahem do theatro levando a memoria carregada de semifusas, julgam-se roubados: não entenderam! Certamente a primeira audição d'uma opera, como a primeira vista d'uma grande tela não nos revela todas as suas bellezas; mas o pensamento do artista, a idéa que elle traduzio, se pensamento ou idéa ha no seu trabalho, esses quem os não surpreendeu, quem os não adivinhou, que se console da sua sorte, a culpa não é do artista.

Se assim não fóra, a admittir a theoria dos criticos, seria preciso que o publico se compuzesse de maestros, de pintores... E os Carlos Gomes, os Rafaéis são muito raros!

Não! assim não é, felizmente.

O *Mephistopheles*, que não faz parte d'esse repertorio que o publico sahe do theatro assoviando, tão preconizado pelo *Jornal do Commercio*, foi devida e conscienciosamente applaudido. O assumpto é bello e se a musica é do futuro é original, de effeitos sorprendentes e nada nos impede de admirar desde já tantas bellezas embora escriptas para os nossos netos.

Seria longo contar-vos o libretto — um libretto que abarca dois poemas, o primeiro e o segundo *Faustos* de Gothe — e fazer-vos um paralelo entre a escola descriptiva e a velha escola: todas as escolas são boas quando seguidas com genio, e Arrijo Boito reúne e honra as duas corôas de poeta e de maestro.

Direi apenas que o desempenho é magistral.

A Sra. Borghi-Mamo revelou uma vocação extraordinaria na comprehensão do papel de Margarida, a loura, e depois no de Helena, a grega. Ha estudo, penetração artistica no seu trabalho. Margarida, comprehende-se que toda a sciencia do mundo não vale um só dos seus sorrisos; Helena justifica a ruina de dois povos abrazados n'as chammas do seu amor. No duetto do segundo acto um dos trechos mais inspiradores da opera, esteve admiravel de graça e naturalidade, na

L'altra notte in fondo almare
Il mio bimbo banno gettato.

e no duetto da prisão foi vibrante de affecto, elevando o sentimento artistico muito além dos limites do ordinario. O Sr. Tamagno tem momentos de grande felicidade.

O Sr. Castelmary, como era de esperar, deu-nos um *Mephistopheles* magistral no gesto, na attitude, no canto. E a Sra. Visconti, a bella e elegante patricia que estreara na *Força do Destino*, sem grande exito?

Uma dupla conquista, ou antes uma conquista e uma reabilitação. Ella, que cantára sem encantar, cantou e encantou d'esta vez pela graça e pela belleza.

Accrescentem a tudo isso coros admiravelmente ensaiados, uma ensenação brilhante e de grande effeito, vestuarios esmeradamente caracteristicos e uma sala resplandecente, e tereis uma idéa da primeira representação do *Mephistopheles* de Boito. — Um triplice triumpho do maestro, regente e empresario.

Nos poucos minutos que eu me distrahi da scena, pude observar na sala:

A Sra. D. A. C. de A... elegantemente simples no seu bello vestido de setim cor de rosa, adamascado. Uma rosa completava-lhe a toilette.

A Sra. R. ao seu lado, de crepe da China violeta, corpinho de abas, de setim azul celeste elegantemente decotado, guarnecido de rendas brancas, e flôres no cabello.

A Sra. condessa de E..., magestosa, de seda branca e rendas brancas, corpinho sem mangas, tudo d'uma suavidade de tons admiravel.

A Sra. B., esplendidamente decotada, de brocado branco, guarnecido de rendas brancas presas por uma folha de vinha de diamantes.

A Sra. L., de setim preto e rendas pretas d'um corte parisiense.

Na segunda ordem: A Sra. Rod., de seda violeta, corpinho quadrado sem mangas, d'um chique adoravel.

A Sra. G... toda de branco é encantadora como um visão. O collo de cysne continuava suavemente o tom do corpinho.

E outras muitas que eu passo, e a leitora d'uma elegancia indiscriptivel!

O baile do Cassino... Os bailes do Cassino são como os sinos d'aldeia; todos se parecem, ou como as comedias de Scribe: divertem seriamente as pessoas serias. Eu não fui ao de hontem

D. J.

AS KOSSAS GRAVURAS

MODAS

A *Estação* é de todos os jornaes que tratam de modas a publicação que maior numero de figurinos e modelos apresenta ás suas leitoras. E' dotada de uma organização unica no mundo em seu genero, por isso que tem um numero pessoal exclusivamente occupado em preparar o material artistico, quer combinando com as modistas celebres de Paris sobre as alterações que tenha de ir soffrendo o gosto, quer imaginando novas disposições consentaneas com as novas fazendas que vão apparecendo. Resulta d'ahi que a *Estação* pôde apresentar aos seus leitores uma inesgotavel fonte de novidades e apezar de de 15 em 15 dias publicar 8 paginas cheias de desenhos ainda resta constantemente muita materia excluida. Ha entretanto entre esses modelos desprezados muita cousa aproveitavel e para que as nossas leitoras não fiquem privadas d'aquillo que lhes pode ser util, a Empresa resolveu de vez em quando reunir em paginas d'esta parte litteraria os desenhos que não couberem no texto. Assim é que já por duas vezes as nossas assignantes receberam modelos de bordado a ponto de marca que seria pena não aproveitar. Hoje reunimos em uma pagina alguns feitos e numeros accessorios que não puderam achar lugar nos ultimos numeros do jornal.

1. *Collarinho de Maria Stuart* de riquissima renda, podendo servir com vestido aberto em quadrado.

2, 3. *Leque e guarda sol chinezes e japonezes*. A elegancia n'estes ultimos tempos tem adoptado como de mais alto gosto as ornamentações do extremo Oriente para tudo o que se prenda a vida mundana. Eis uns modelos que tiveram ultimamente grande aceitação em Paris e Vienna. Podem ser feitos de fazenda que se encontra já com desenhos japonezes, mas serão de muito maior valor quando as figuras forem pintadas na propria peça occupando apenas parte d'elle.

4. *Costume para Caçadora*. As senhoras hoje tomam parte em todos os divertimentos sem que isso seja estranhado. Assim é que as caçadas nos arrabaldes de Paris, na epocha adequada, reúnem numerosas discipulas de S. Humberto. Eis um costume ideal para tal fim deixando livres os movimentos a gentil emula de Diana.

5. *Saia para ser usada especialmente com corpinho de abas casaca*. A clareza do desenho dispensa de explicações.

6, 8, 9, 10, 15. *Jóias modernas*. Broche ou presão em forma de borboleta. Broche feito Renascença. Rico collar egypciaco de ouro fosco. Broche de filigrana. Broche modernissimo; uma logosta de ouro segurando uma perola.

11. *Enfeite de flores para vestuario de sarau*. O mimoso bouquet que se usava no centro do peito hoje é collocado ao lado, correspondendo com outro bouquet collocado do lado opposto, no quadril por uma grinalda leve de florinhas. O effeito é mui gracioso.

7. *Vestuario para montar a cavallo*. A grande elegancia manda fazer hoje esse vestidos de panno cinzento claro, corpinho e mangas bem justos. O chapéo é um toucadinho cylindrico de palha ou feltro, com véo e luvas de canhão.

12. *Touca caseira elegante feita tola de rendas e fitas*.

13. *Vestuario Trianon*. Por cima de uma saia simples, de plissés, curta e com um babado na barra, ha uma tunica folgada de fazenda de ramagens. Corpinho justo e fichu Maria Antonietta, preso no alto do peito por uma rosa. Luvas compridas, porém sem dedos e mangas curtas d'*marqueza*. Uma touca de renda em vez de chapéo.

14. *Guarnição de canhão de manga para toilette rica*. O enfeite é de renda com guarnição de cadeia de prata (vide o des. 34).

16. *Dois elegantissimos vestuarios para banho*, de setim azul com enfeites de galão de seda amarello e botões irmanados.

17. *Chapéu bruxo redondo e grande*. A aba curva á vontade; colloca-se bem para traz. Convém bem para moças e faz-se de seda de duas cores com enfeite de renda e flores.

18. *Laço de gravata e collarinho caseiros para o verão*.

19. *Modernissimo vestuario de grande toilette com casaca de veludo bordado a ouro*, com collete fingido semelhante á casaca.

20. *Chapéu leve para o verão com enfeite de plissé preso por varinhas de junco*. A fazenda empregada é igual á do vestido.

21. *Bolsa esmoler*. Os vestidos que se usam desde algum tempo não se prestam a bolsos, foi o que induzio á adopção da bolsa esmoler que além de commoda dá muita graça á toilette. Eis um modelo moderno que pôde-se trazer á mão ou fixar-se elegantemente por meio de cinto ao lado do vestido como se vê no desenho 32.

22. *Vestido para criança de cachemira feito a princeza enfeitado com renda na oara e no alto e tendo como cinta um cordão grosso, de seda com borlas*.

23. *Vestuario couléssé*. Este genero de plissé que se vai introduzindo e em breve substituirá de todo o plissé é muito lindo e se presta para variadas disposições. Eis um modernissimo e original modelo de corpinho de *coulissé*, acompanhando a toilette.

24. *Mantilha de rede*. Os chales mantilhas e murças modernos são de fundo de rede de seda, froco ou contas com franjas irmanadas. Essa moda é mui graciosa.

25. *Manto de seda lavrada*. Esses mantos constituem uma das ultimas novidades. O seu feito deve ser simples e para a gola e canhões emprega-se seda de cor igual porém sem lavores.

26. *Chapéu á Minerva* tendo o feito de um capacete Atheniense. Faz-se de seda todo enfeitado com uma pluma que contorna a copa abobadada.

27. *Sapatos para a humidade*. Para andar no jardim ou sahir em dias de chuva fazem-se agora uns calçados muito commodos e elegantes tendo a sola forrada exteriormente de uma chapa de borracha toda picada de forma que além de garantir perfeitamente os pés da humidade impede o escorregar-se.

28. *Leques modernos*. Usam-se outra vez grandes e guarnecidos de variados moños. Os mais elegantes são de madeira preta ou de cores diversas forrados de seda lavrada, pintada, bordada ou a lantejoulas.

29. *Fechos de cinta ricos que se usam com fita larga e forte de chamalote de cor igual á do vestido*.

30. *Lembrança*. E' costume em alguns estados da União Americana enviar-se como presente por occasião da renovação do anno, ou de alguma cerimonia, casamentos, baptisados, etc., uma ferradura á qual uma crença vulgar attribue um effeito de bom agouro. O prejuizo diz que achado quando perdido por animal produz um effeito mais certo porém como nem sempre se pôde obter a felicidade completa, os elegantes compram ferraduras que em lojas de artigos de fantasia se vendem, as quaes são enfeitadas, douradas, lavradas, etc. e com a remessa do objecto manifestam da mesma forma os desejos que nutrem para que o destinatario frua ditoso porvir. O desenho representa uma dessas elegantes ferraduras visto como a moda parece querer introduzir-se entre nós e dar a volta do mundo.

31. *Camisa para dormir*. Já se usavam de ha tempos camisas para dormir de surah, foulard e outros custosos tecidos de seda. Vimos ultimamente camisas de finissima seda da China com gola e punhos de velludo bordado a ouro, affiançando-nos o fabricante que a moda pega com certeza por isso que já a adoptaram as ricas elegantes do faubourg St. Honoré.

32. *Chale da India*. Para sahida de baile ou theatro é mórmemente para senhora que já não seja moça, esse chale sempre é muito conveniente e torna-se elegantissimo o seu uso quando se saiba dispor-o com graça sobre os hombros.

34. *Jóias modernas*. Desde que a phantasia apoderou-se da joia apparecem diariamente modelos novos. Os objectos que ahi vão representados são: duas cadeas com bolas usadas para abotoar manguitos, uma um parafuso e outra uma machadinha, finalmente um alfinete de peito representa um dente de porco do matto.

37. *Toilettes para noivas*. O vestido á Margarida é de muita elegancia. Para o apanhado emprega-se uma trança grossa de seda ou galão bordado a prata ou retroz igual ao que guarnece a barra.